

UNAMUNO AGITADOR DE IDÉIAS E DESPERTADOR DE CONSCIÊNCIAS

DIONISIO FUERTES ALVAREZ

Coube-me falar, neste ciclo de palestras sôbre "pensadores espanhóis do século XX", da figura ímpar de Don Miguel de Unamuno.

Não é fácil tarefa a minha. Não certamente por falar, mas por excesso de elementos, já que não há figura, em tôda a primeira metade do século XX espanhol, que ofereça tão rico caráter, tão variada atividade intelectual e tão complexa personalidade.

Será difícil, numa simples palestra, deixar os ouvintes com uma idéia unitária, adequada e certa, de personagem tão rica de facêtas tão original e mesmo tão contraditória.

Unamuno é antes de mais nada um literato: poeta, dramaturgo, novelista e ensaísta. Mas principalmente poeta. Como poeta, Unamuno está se agigantando cada dia que passa aos olhos da crítica, que sômente depois da sua morte veio descobrir as dimensões da sua lírica apaixonada, angustiada e cênica. O seu poema O CRISTO DE VELÁZQUEZ, é hoje considerado como um dos maiores monumentos que produziu a lírica espanhola no século XX. É a sua uma poesia feita com sangue, com alma e com paixão, que faz parecer ridículos a maior parte dos poemas frívolos e modernistas dos seus contemporâneos, com muito poucas exceções.

Unamuno é também o filósofo existencialista da Espanha. Não teoriza sôbre o existencialismo, mas vive-o, na luta titânica para racionalizar a sua fé em Deus e em Cristo, e para desvendar o mistério da vida, da morte e da imortalidade. O drama de Unamuno é o drama da sobrevivência e da imortalidade da alma, e tôda a sua filosofia gira em torno desse insondável mistério.

Unamuno é ainda o teólogo, exímio conhecedor da Bíblia, e o seu maior exegeta leigo na Espanha. É um teólogo original, pessoal e heterodoxo por certo, que mereceu a justa condenação de dois de seus livros — O Sentimento Trágico da Vida e a Agonia do Cristianismo — por parte da Igreja Católica. O problema religioso foi a obsessão da sua vida. Jamais se conformou em não poder compreender Deus e a sua obra, e em não poder desvendar os mistérios que nos cercam.

Unamuno é igualmente o espanhol e o patriota que analisa com fina penetração as causas da decadência da sua terra, que mostra aos seus compatriotas os defeitos e qualidades dos espanhóis, e que se irrita porque vê a sua pátria decaída da sua antiga grandeza. É o homem que diz que LHE DÓI A ESPANHA, como a outros lhes dói a cabeça ou o estômago.

Unamuno é o político inconformado, crítico acerbo dos homens e das instituições, e em luta sempre contra todos os governos.

É ele o Mestre, professor e reitor da Universidade de maior tradição na Espanha, a universidade de Salamanca.

É ele o catedrático de grego e o filósofo de renome, conhecedor profundo das línguas clássicas e dos fenômenos da linguagem, e agudo comentador e crítico literário.

Unamuno é tudo isso e muito mais, porque tem o temperamento poético, e não se deixa nem quer se deixar classificar. Éle mesmo o proclama aos gritos, quando, em MI RELIGION escreve: "Y no quiero dejarme encasillar, porque yo, Miguel de Unamuno, como cualquier otro hombre que aspire a una conciencia plena, soy especie única".

É claro que cada um dos ricos aspetos da personalidade de Unamuno, que acabamos de enumerar, mereceria um estudo especial, e que não podemos realizar esse estudo nos estreitos limites duma conferência.

Não falaremos de nenhum deles. Mesmo porque, ao nosso ver, a grandeza de Unamuno não reside nem na sua literatura, por grande que ele seja como poeta e romancista, nem na sua filosofia quase sempre confusa e contraditória, nem na sua teologia que tanto escandalizou os timoratos, nem na sua política de posição sistemática, nem no seu magistério, já que há quem afirme que foi um péssimo professor. A glória de Unamuno está em que a sua pena, a serviço duma inteligência, dum temperamento violento e apaixonado, duma franqueza sem limites nem barreiras, duma coragem que não conheceu impecilhos, agitou violentamente todos os meios intelectuais na Espanha e fora da Espanha, levantou ondas de aprovação e de protesto, obrigou a pensar, ainda que fôsse para refutá-lo, tirou do marasmo e da rotina os espíritos acomodados, e foi, dessa forma, um dos maiores fatores da revolução filosófica, teológica e cultural que presenciamos.

Unamuno vale, a nosso ver, como agitador de idéias e despertador de consciências.

E é esse, exclusivamente, o aspeto que hoje vamos estudar.

Como agitador de idéias e despertador de consciências, Unamuno vale muito mais e teve mesmo maior influência do que Ortega y Gasset, outro dos grandes nomes da filosofia espanhola do século XX, e que foi, com ele, quem se tornou mais conhecido na Espanha e fora da Espanha como pensador e como filósofo.

Mais do que Ortega Unamuno influiu na juventude espanhola de então e de hoje que, no dizer de um autor, encontra-se UNAMUNIZADA, o que valeria dizer que se encontra imunizada contra a superficialidade e a leviandade.

É que Unamuno é todo veemência e paixão, e toca todos os pontos nevrálgicos da vida política, social e religiosa da atualidade, pondo sem compaixão o dedo nas chagas e obrigando os seus ouvintes ou os seus leitores a reagirem pró ou contra do que ele diz ou do que ele ensina.

Unamuno não escreve como Ortega com a cabeça, com a lógica, com penetrava as consciências. Vestia sempre de preto e não usava gravata, o a razão, mas com tência a sua alma e com toda a sua paixão, misturando verdades e erros, mas verdades e erros que não podem deixar de chocar o próximo e obrigá-lo a pensar.

Alguém disse com acerto que Unamuno era o POETA filósofo, e que Ortega era o FILÓSOFO poeta.

Ortega faz uma filosofia da razão; Unamuno uma filosofia do temperamento. Ortega faz uma filosofia de cunho intelectual e científico; Unamuno uma filosofia de cunho passional e místico. Ortega é filósofo à européia; Unamuno é filósofo à espanhola.

Ortega estuda-se hoje nas cátedras e salas de conferência e é objeto de frias análises intelectuais. Unamuno continua influenciando as almas e as consciências, continua agitando as águas da opinião e continua conquistando entusiastas partidários ou acérrimos inimigos.

Como agitador de idéias e agitador de consciências que foi, a primeira imagem que Unamuno sugere à nossa mente, vendo-o esgrimir a pena contra inúmeros inimigos reais ou imaginários, é a figura de Dom Quixote, de lança em riste, pronto para agredir também, e vendo inimigos por toda a parte.

Ambos lutaram contra tudo e contra todos, servindo um ideal utópico: o de endireitar esta irremediavelmente torta Humanidade.

Aliás, a semelhança de Unamuno com Dom Quixote tem sido salientada por seus críticos e biógrafos.

E em primeiro lugar uma semelhança física. Éle era alto e magro, de textura rija, de rosto enxuto, de barba ponteaguda, e de um olhar que lhe dava ares de iluminado e místico, ou, como disseram seus contemporâneos, de pregador protestante. Era homem solitário, e gostava de passear, com um livro na mão, pelas beiras do rio Tormes tão cheias das lembranças de Fray Luis de León.

As semelhanças morais eram talvez ainda maiores: idealismo irreduzível; coragem temerária; franqueza anti-social, um grão de loucura sem a qual não seria possível sair em luta aberta contra todos os moinhos de vento... Tudo isso nos leva, a admirar cada dia mais a sabedoria psicológica do grande Manco de Lepanto, Dom Miguel de Cervantes Saavedra!

Ao quixotismo interior e exterior de Unamuno alude o poeta Antonio Machado — o maior poeta da geração unamuniana de 98 — quando escreve estes inspirados e certos versos:

Este donquijotesco
Don Miguel de Unamuno, fuerte vasco,
lleva el armés grotesco
y el irrisorio casco
del buen Manchego. Don Miguel camina
jinete de quimérica montura
metiendo espuela de oro en su montura
sin miedo de la lengua que malsina.

Aliás a devoção de Unamuno por Don Quixote foi notória. Em primeiro lugar, éle considera Dom Quixote como o verdadeiro ideal do homem

perfeito, e chega a chamá-lo, irreverentemente NOSSO SENHOR DOM QUIXOTE. Em segundo lugar, dedica-lhe o melhor e mais delicado dos seus livros, a VIDA DE DOM QUIXOTE E SANCHE, onde êle propõe o quixotismo para a salvação universal, fazendo dêle quase uma religião.

Como não ia êle imitar a Dom Quixote se o propunha à imitação do mundo inteiro?

Pois bem, como Dom Quixote, Unamuno é antes de mais nada um combativo, um lutador, um homem que nasceu para agredir, para acusar, para contradizer, para agitar, para não deixar nenhum comodismo estabelecido em paz, já que para êle a paz é decomposição e morte.

A sua missão de agitador de idéias e despertador de consciências que nós consideramos como a mais valiosa contribuição de Unamuno para o desenvolvimento da sociedade do seu e do nosso tempo não foi nele uma missão inconsciente ou involuntária, que teria surgido nêle apesar dêle mesmo, como fruto do seu temperamento e na luta para atingir a verdade filosófica, política ou literária. Muito pelo contrário; Unamuno agia com perfeita consciência do que fazia, e sempre se considerou como um agitador muito mais do que como um poeta ou com um filósofo.

Regeitava Dom Miguel para si o nome de sábio, ou pensador, e preferia ser chamado "sentidor". "Jamais passarei dum pobre escritor — dizia êle — lançado na república das letras como intruso e do lado de fora por certas pretensões de cientista, e tido no império das ciências por intruso também por causa das minhas pretensões literárias".

Ao contrário, a missão de agitador êle a reivindicou sempre para si, e assim o declara expressamente em numerosas passagens da sua obra.

Na VIDA DE DOM QUIXOTE E SANCHE escreve: "Eu procurei sempre agitar, e quando muito sugerir mais do que ensinar".

Um dia que a sua discípula Maria de Maeztu, irmã de outro dos grandes representantes da geração de 98 lhe perguntava por que tomava sempre atitudes de consciência a tuco e a todos, respondeu-lhe: "Quando eu me apresento em público, levo no bôlso um punhado de sal cáustico e lanço-o sobre a multidão. Esta é a minha mensagem. É preciso provocar o descontentamento; é preciso agitar os espíritos; é preciso suscitar questões, perguntas, dúvidas... é preciso despertar da sua modorra o povo espanhol..."

Em outra ocasião êle escrevera: "O que temos que fazer para salvar a Espanha — note-se de passagem o espírito messiânico e quixotesco de Unamuno — do marasmo a que a levaram alguns responsáveis irresponsáveis — note-se o belo paradoxo — é desencadear um delírio, uma loucura qualquer sobre estas pobres multidões ordenadas e tranqüilas que nascem, crescem, se reproduzem e morrem..."

E de maneira mais pitoresca ainda repete a mesma idéia em MI RELIGION quando escreve: "Perguntarão: Bem, mas que soluções trazes? E eu para concluir dir-lhes-ei que se buscam soluções recorram ao mercadinho de em frente, porque no meu não se vende tal mercadoria. O meu empenho temático, é e será, que os que me lêem pensem e meditem nas coisas fundamentais, e não foi nunca dar-lhes pensamentos feitos... se eu vendo pão, não é pão mas levedura e fermento".

E acrescenta mais adiante: "É obra de misericórdia acordar o dormido e sacudir o parado..."

Não pode pois haver dúvida de que êle se deu a si mesmo a missão de agitar as opiniões e de desassossegar os espíritos. E essa missão que é certamente positiva, pois agitar as idéias contribui sempre para a descoberta da verdade, êle a cumpriu e a está ainda cumprindo, pois não cessaram na Espanha e fora dela as discussões, artigos, ensaios, refutações, aprovações ou reprovações provocadas pela obra sempre viva de Dom Miguel.

Para cumprir essa missão de despertar as consciências — de conscientizar, diria a gíria pedante de hoje, — Unamuno utiliza especialmente três processos distintos: A agressão, o paradoxo e a oposição sistemática.

A primeira é a agressão direta, e apóstrofe, e mesmo o insulto e a provocação. Unamuno pratica a agressão, tanto na vida real como nos seus escritos.

A vida real de Unamuno está cheia de fatos pitorescos em que se manifesta o seu quixotismo agressivo. Um dos mais representativos é o que nos narra Maria de Maeztu em seu livro sobre Unamuno e que vou me permitir transcrever:

"Em Agosto de 1900 foi convidado Unamuno para assistir a um brilhantíssimo concurso literário que deveria celebrar-se no teatro Arriaga, em Bilbao, onde tanto era admirado. O ato, verdadeiramente espetacular, presidido por uma belíssima rainha cercada de suas damas de honor, foi assistido por toda a aristocracia e por toda a plutocracia da Vizcaya.

Acudiu também ao teatro um grande setor juvenil do partido VIZCAITARRA, que esperava que Dom Miguel, sumo pontífice da milenária raça vasca, justificasse a atitude separatista de dito grupo. Pois bem, o seu discurso foi uma bomba de dinamite. Como catedrático de grego e especialista em filologia, os seus primeiros projéteis foram lançados contra o idioma vasco que o vizcaitarrismo pretendia transformar em língua oficial. Os separatistas, disseminados pelo local ficaram atônitos e começaram a protestar ruidosamente. Não importa. Dom Miguel continuou impertérrito e passou a atacar os costumes localistas vascos. Ao capitalista falou do salário baixo. Ao operário da limitação e imperfeição do seu trabalho. Porque a finalidade do seu discurso era esta: que todos ficassem descontentes. Por fim lançou um ataque final, definitivo, demolidor, contra o inoperante e ridículo separatismo, e disse textualmente: "O MATEKO — que é o castelhano desprezado pelos vascos porque é do interior e porque vem como pobre ganhar a vida a Bilbao — o MATEKO é mais inteligente do que vós, e, como sabe falar, está infiltrando-se na vossa vida, e um dia as vossas mulheres, como as sabinas, deixar-se-ão roubar por êsses romanos. "E aqui é quando estourou o escândalo formidável. Os VIZCAITARRAS decepcionados quiseram matar Dom Miguel, e, de um salto, chegaram ao palco. Todo mundo foge espavorido, e no palco vazio fica em pé Unamuno, sozinho, altaneiro, imperturbável, até que termina o seu discurso diante dos poucos fiéis que permanecem na sala".

No dia seguinte a imprensa de Madrid e de toda a Espanha comentava com ironia o acontecimento.

Mas o incidente não terminou aí.

Valladolid, o centro da Velha Castela e herdeira de suas glórias convida Unamuno para que pronuncie uma conferência em seu teatro principal. Dom Miguel aceita, e, com o mesmo gesto e atitude que em Bilbao se apresenta no palco do teatro Calderón de la Barca. Uma multidão imensa ocupa todas as poltronas. Unamuno começa o seu discurso com estas palavras de Antônio Machado:

Castilla miserable,
ayer dominadora,
envuelta en sus harapos
desprecia cuanto ignora...

e estourou outro formidável escândalo de proporções análogas a que estourara em Bilbao poucos dias antes...

Esse fato é típico da atitude de Unamuno perante a sociedade. Federico Sainz de Robles nos diz que cada vez que Unamuno viajava de Salamanca a Madrid, levava na sua mala discursos que eram verdadeiras bombas que êle fazia estourar nas faculdades, escolas ou salas de conferência onde era convidado a falar.

Nos seus escritos encontramos a invectiva, a provocação e mesmo insulto a cada instante.

Na VIDA DE DOM QUIXOTE E SANCHO escreve estas frases: "Tropicais com alguém que mente? Gritai-lhe na cara: Mentiroso! e seguí adiante. Tropeçai com alguém que rouba? Gritai-lhe: Ladrão! e seguí adiante. Triunfa com alguém que diz tolices e a quem toda uma multidão escuta com a boca aberta? Gritai-lhes: Estúpidos! e seguí adiante, adiante, sempre adiante!" Isto nos serve ao mesmo tempo de amostra do seu estilo direto e violento, e do que foi sempre toda a sua vida, pois é claro que êle mesmo praticava o que aconselha aos demais.

A sua agressividade foi bem conhecida de todos os que dêle se aproximaram, e de todos os que dêle falaram ou escreveram. Pio Baroja — o criador de 98 — escreveu: "Quando procuro ler os seus livros, penso que são como uma vingança contra algo que não sei o que é".

Serrano Poncela, falando de Unamuno como professor, escreveu: "Não lhe interessava ensinar, mas agredir o próximo, excitá-lo, esfolar-lo a golpes de paradoxo".

Citemos algumas passagens em que a cólera congênita de Unamuno explode em invectivas ou insultos:

Contra os povos de fala espanhola, em MI RELIGION: "Foi-me preciso em povos como êstes povos de língua castelhana, carcomidos pela preguiça e superficialidade de espírito, adormecidos na doutrina do dogmatismo..."

"Somos coletivamente uns invejosos, os espanhóis de aquém e de além do Atlântico. Maliciosos, suspicazes, desconfiados, egoístas, tacanhos..." (Inveja Hispânica).

Contra os eruditos, em VERDADE E VIDA: "Na maioria dos eruditos que sois ser gente mesquinha e invejosa..."

Contra os literatos, em A INVEJA HISPÂNICA: "Bem sei que a maior parte dêsse gênios incompreendidos que se julgam vítimas da mediocridade do ambiente... não passaram de pobres mentetos..."

Contra os advogados em A CIVILIZAÇÃO É CIVISMO: "A advocacia é uma das piores pragas da nossa Espanha contemporânea... os advogados levaram para a política todas as suas miseráveis maquinações, todo o seu repugnante legalismo..."

Contra a democracia espanhola, em GLOSAS A LA VIDA: "Poucas mentiras há na Espanha, das inumeráveis que nos envolvem e paralisam, mais mentirosas que a mentira da democracia... Isso é analfabetocracia..."

Contra os anarquistas, em IBSEN E KIERKEGAARD: E não falo do anarquismo, porque êste chegou a ser a força de estupidez e de brutalidade, uma palavra sem sentido claro..."

Contra o público dos cafés-concêrto, em SÔBRE A PORNOGRAFIA: "Enquanto uma infeliz artista berra quatro indecências... o público, um público brutal, estúpido, procaz, brama como uma fera em cio..."

O segundo meio de que Unamuno se servia para agitar e despertar as consciências foi o paradoxo. "Unamuno como Nietzsche, como Browning, Shaw ou France — escreve Federico Sainz de Robles — é o talento do paradoxo". Ninguém soube utilizá-lo como êle para deixar os seus leitores atônitos e de olhos arregalados. Escandalizava-os mesmo com suas afirmações paradoxais, inteiramente inesperadas e desconcertantes.

Vejam-se, por exemplo, estas linhas da AGONIA DO CRISTIANISMO, coalhadas de paradoxos enfiados uns nos outros, em períodos quasi incompreensíveis. "Mas é que a paz se dá na guerra, e a guerra se dá na paz. E isto é agonia. Alguém poderá dizer que a paz é a vida — ou a morte — e que a guerra é a morte — ou a paz — pois é quase indiferente assimilar uma à outra respectivamente, e que a paz na guerra — ou a guerra na paz — é a vida na morte, a vida da morte e a morte da vida, que é a agonia..."

No mesmo livro êle afirma que "os verdadeiros ateus estão loucamente enamorados de Deus". !...

Poderíamos encontrar nos ensaios de Unamuno os mais surpreendentes paradoxos de que podem servir de exemplos os seguintes:

"Não há consôlo maior que o desconsôlo, como não há esperança mais criadora que a dos desesperados".

"O homem perfeitamente são não seria um homem, mas um animal por falta de doenças que lhe acendessem a razão".

"Hegel não foi hegeliano, como Cristo não foi cristão".

"A vida é começar sempre, o que significa que é sempre terminar".

"A melhor maneira de conhecer um país e de escrever sobre êle é nunca ter estado nesse país".

"A vida é contínua criação e morte contínua. Julgas tu que viverias se não morresses a cada instante?"

O terceiro processo usado por Unamuno para despertar o seu próximo é o processo da oposição. Unamuno, muito espanhol nisto como em tudo o mais, opõe-se a tudo e a todos. Marañón falava da mania de Unamuno de ir a "contrapelo", e Marrero, em seu livro EL CRISTO DE UNAMUNO, escreve que Unamuno jamais tomou a pena para afirmar o que quer que fôsse, mas para contradizer a quem quer que fôsse.

É a mania de dizer o contrário do que os demais disseram que levou a afirmações heréticas no domínio da teologia e fez que dois de seus livros — EL SENTIMIENTO TRAGICO DE LA VIDA e LA AGONIA DEL CRISTIANISMO — fôssem inscritos no INDEX dos livros condenados pela Igreja. E como Unamuno falou e escreveu tôda a sua vida sobre a fé, sobre a religião e sobre Deus "apenas há proposição teológica importante — diz Marrero — sobre a qual Unamuno não tenha dito algo gravemente herético".

E o mesmo que com a teologia aconteceu com a filosofia, a política e a sociologia e os demais ramos do conhecimento e da opinião.

Daremos apenas algumas mostras do espírito de contradição de Unamuno.

A opinião geral e a definição do catecismo diz que a fé consiste em acreditar o que não vimos. Unamuno contradiz essa definição. "Crer o que não vimos, não, mas criar o que não vemos".

Todo mundo pensa e crê que a justiça não deve ser tomada pela própria mão, mas que incumbe ao Estado punir os malfeitores. Unamuno pensou ao menos diz que pensa o contrário. Na vida de DON QUIJOTE Y SANCHO, comentando a passagem da libertação dos GALEOTES, êle escreve: "Bom e justo que cada um tome a justiça pela sua própria mão, pois a isso o leva um natural instinto; mas ser carrasco de outros homens para ganhar assim o pão servindo a odiosa justiça abstrata, não é bom. Já que a justiça é pessoal e abstrata, que castigue impessoal e abstratamente!"

Unamuno sente aqui que a sua afirmação é por demais chocante, e se apressa a acrescentar: "Eu vos vejo aqui, leitores timoratos, levar as mãos à cabeça, e ouço-vos excluir: Que atrocidade!..."

Todos cremos que para falar dum país, é necessário ter estado nêle. Já vimos que para Unamuno não...

São características da sua atitude, frases como estas que êle fazia com arrogância: "Nunca estarei ao lado do vencedor, seja êle quem fôr". e "Se fundarem na Espanha algum dia um partido unamunista, eu seria o primeiro ANTIUNAMUNISTA;"

Alguém perguntou-lhe um dia a que partido êle pertencia então. "Partido? — respondeu êle — eu não quero ser partido, eu quero ser inteiro".

Com muita razão intitulava êle um dos seus melhores livros de ensaios CONTRA ESTO Y AQUELLO. De fato, é muito raro que Unamuno escreva a FAVOR de algo. Êle escreve sempre CONTRA alguém ou contra alguma coisa. Muitas vêzes contra o que era mais caro aos seus contemporâneos.

O segredo da sua oposição contra tudo e contra todos está em que Unamuno viveu sempre em contradição consigo mesmo. Êle viveu sempre agustado pelos problemas filosóficos e religiosos, e levava a luta dentro de si. A sua viva inteligência se revoltava contra a impenetrabilidade do mistério que procurou sempre inutilmente devassar. As vêzes parece irritar-se porque Deus está muito alto e recusa deixar-se captar pela sua compreensão. Na AGONIA DEL CRISTIANISMO êle identifica a fé com a dúvida, num esforço evidente para salvar a sua fé, já que êle duvida, e também com a luta titânica que êle sustenta para vencer essa dúvida. "Agonia quer dizer luta — afirma êle — Agoniza quem vive lutando, lutando contra a própria vida, e contra a morte. É a jaculatória de Santa Teresa de Jesus: Que muero porque muero" ... E confessava que essa luta é a que êle próprio sustenta: "O que

vou expor aqui, leitor, é a minha agonia, a minha luta pelo Cristianismo, a agonia do Cristianismo em mim, a sua morte e a sua ressurreição a cada momento na minha vida íntima".

A essa luta interior em que êle vive agônico, alude Unamuno frequentemente: "... cada dia sinto mais respeito ao mundo do mistério e cada dia se faz mais luz em mim, a respeito da luta fecunda entre a religião e a fé, a ciência e a religião. A minha ciência é anti-religiosa e a minha religião, anticientífica, e não excluo nenhuma das duas, mas mantenho-as em mim, uma frente à outra, negando-se uma à outra, e dando, com a sua contradição, uma vida à minha consciência. ... Não quero buscar a minha paz interior em harmonias e concordâncias e compromissos que levam à estabilidade inerte. Não quero que assinem a paz a meu coração e a minha cabeça, mas que lutem entre si... sou e quero continuar sendo um espírito antinômico e dualista..."

E em outro lugar: "Tôda a minha vida se move num princípio de íntima contradição. Atrai-me a luta, e sinto ânsias de quietude e de paz; estudo as ciências e caio na poesia; sou cristão antipagão de coração, e explico os clássicos gregos. Posso dizer que sou um espírito em movimento".

E estas outras palavras que escreveu em A MIS LECTORES, para não citar mais: "Que imagino que me interpretam mal? Mas é claro! Se eu mesmo não acerto sempre a interpretar-me! As idéias que de tôdas partes me vêm estão sempre travando batalhas em meu espírito, e não consigo pô-las em paz. Não consigo e não procuro consegui-lo. Necessito dessas batalhas!"

Como vamos encontrar unidade em suas idéias, se êle mesmo confessa que a não tem?

Não, não há unidade nas idéias de Unamuno. Vicente Marrero pôde escrever: "É vasco e castelhano; é hispano e africano e, além disso, europeu ilustrado; liberal, mas socialista conservador; republicano, mas monárquico; romântico realista, jornalista e místico, filósofo e romancista; apóstolo e caprichoso; coração católico e cérebro protestante... tôda uma montanha de contradições, todo um poço de obscuridades".

Se Unamuno foi grande, e não o pomos em dúvida, a sua grandeza não está nas verdades que ensina, mas na luta que êle deflagra em si mesmo e nos demais.

A sua grandeza está em ter sido e continuar sendo um agitador de idéias e um despertador de consciências. Por isso êle vive.

Hoje ainda se realiza o desejo que expressou num dos seus poemas:

Cuando me creais más muerto
retemblaré en vuestras manos.
Aquí os deixo mi alma — libre
hombre — mundo verdadero.
Cuando vibres todo entero
soy yo, lector, que en ti vibre.